

COTIDIANOS DESCONTÍNUOS

Carolina Anselmo

Doutoranda em Sociologia - Cidades e Culturas Urbanas | FCT | Universidade de Coimbra

e-mail: ccanselmo@gmail.com

Dentre as primeiras lembranças de vida de ***, estava o rio. Seu encontro com as águas correntes aconteceu após os primeiros quatro anos de vida na mais completa seca. Depois de dias na estrada, entre uma boleia e outra, dividindo o colo da mãe com uma mala de roupas e pouca comida, foi ali, na beira do rio, que pararam para um desfrute de algumas horas. Foi essa a primeira vez que ela escutou as gargalhadas de sua mãe que, num gesto quase infantil, não se cansava de jogar água para cima. Também foi ali que *** aprendeu a observar que as águas, no seu movimento, reordenavam a realidade: a alegria nunca antes experimentada e a paisagem vista em seu reflexo. A capacidade de deformar, de redesenhar fascinava a menina que, desde então e com certa frequência, retomava a lembrança desse dia.

Dali partiram e chegaram ao asfalto. *** conheceu então a cidade com altos prédios, muita sombra, muitos ruídos, muita gente que não se olhava e uma alta velocidade. Instalaram-se em uma área periférica e compreenderam em pouco tempo que as mudanças seriam constantes. O aluguel subia e já não era possível pagar. Perdia-se o emprego e contava-se com o acolhimento de amigos. Conseguia-se novo trabalho e já era possível ter de novo uma casa. Casava-se, separava-se. Eram muitos os motivos.

Hoje com vinte e oito anos, após ter se mudado doze vezes, finalmente havia encontrado um lugar para viver tranquila. Ainda na periferia da cidade, mas longe do caos urbano que havia experimentado nos últimos anos. *** sentia-se agraciada por ter a poucos metros de distância um lago, um rio e uma cascata para onde fugia algumas vezes. Lembrava daquele dia da infância, da sensação de alegria, do refrescar do seu primeiro mergulho. Sem

perceber, retomava a mania de observar os reflexos na água, vendo e imaginando a paisagem de outro jeito. Um movimento contrastante e fugaz na sua vida ritmada.

Era um ir e vir constante. Sempre do mesmo jeito, na mesma hora, no mesmo repetir de atos. O despertar, a música, o cheiro do café. O medo da instabilidade regular que impulsionava seu sair da cama antes mesmo do primeiro raio de luz nascer. Era preciso ir. Era preciso garantir o leite de seus três filhos.

O autocarro da empresa onde trabalhava passava cedo. Junto com ela, iam outros tantos vizinhos que trabalhavam no mesmo lugar. Ela era a responsável pela limpeza de parte do imenso edifício que abrigava o que eles chamavam de multinacional. Ela não entendia bem o que isso significava. Fazia seu serviço da melhor forma que podia e no fim da tarde retornava a casa. Preparava o jantar e já deixava o almoço do dia seguinte feito para os filhos que tinham ainda pouca idade: o mais velho dez, o do meio oito e o caçula, cinco.

Aquela empresa era uma dádiva. Desde que se implantou ali perto, todos os habitantes do bairro tinham emprego. Conseguiram finalmente, após anos de reivindicação, a tão sonhada luz elétrica e o abastecimento de água. Foi só a empresa chegar, que a vida se transformou. Ah, se não fosse essa empresa... Como a vida estava melhor!

O tempo diário de trabalho era excessivo, mas havia emprego. O salário não era lá grandes coisas, mas havia luz. O lago começou a receber dejetos químicos que impediam os banhos de lazer do fim de semana, mas havia água encanada em casa. Já não era preciso preocupar com o risco da fome e do desabrigo. Tudo ia muito bem.

Até que veio aquela quinta-feira. Depois de mais um dia corriqueiro de trabalho, *** trocava de roupa no vestiário da empresa quando escutou uma notícia no rádio sobre um acidente: rompeu-se uma barragem. Já não era possível voltar para casa. Já não havia mais casa. Já não havia mais filhos. A água estava ali, dessa vez acompanhada de lama. A água, ali, mais uma vez, mostrando que o redesenho do cotidiano seria necessário e que a descontinuidade da vida é que estabelece seu ritmo.

Referências bibliográficas

Beck, Ulrich (1992), *Risk society: toward a new modernity*. London: Sage

Beck, Ulrich; Guiddens, Anthony; Lash, Scott (1997), *Modernização reflexive: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP

Certeau, Michel de (1994) [1990], *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 15ed. Petropolis: Vozes. 351p.

Elias, Nobert (1990 [1939]), *O processo civilizador. Volume1: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Giddens, Anthony (1992), *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta Editora

Haroche, Claudine (2008), *A condição do sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Lefebvre, Henri (2013) [1974], *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing. 451p.

Lefebvre, Henri (1991) [1968], *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Atica.216p

Lefebvre, Henri (2012) [1968], *O direito à cidade*. Lisboa : Estúdio : Livraria Letra Livre

Safatle, Vladimir (2015), *O circuito dos afetos*. São Paulo: CosacNaify.

Sennett, Richard (2006), *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.

Sennett, Richard (2004), *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record

Simmel, Georg (1997) [1903], "A Metrópole e a vida do espírito", in Fortuna, Carlos (org.), *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta